

ALMA E SANGUE O DESPERTAR DO VAMPIRO



nazareth
fonseca





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



Feito por:

ANDYINHA BITTY



SINOPSE:

Kara Ramos é uma jovem restauradora, determinada e espirituosa, cujo talento acaba chamando a atenção do excêntrico milionário Gustave Rohan, dono de um antigo casarão com fama de mal-assombrado. Audaciosa, Kara aceita o desafio de reformá-lo para realizar um antigo sonho da família. Porém, o que ela jamais poderia imaginar era encontrar adormecida no sótão uma criatura com mais de 300 anos, sedenta de sangue e vingança.

Mas esqueça o semblante sinistro dos velhos vampiros, a capa vermelha esvoaçante no alto de um castelo. Jan Kmam prefere jeans negro e botas surradas. Os cabelos loiros, olhos azuis e rosto perfeito teriam encantado Kara imediatamente, não fosse o susto e a incredulidade do primeiro encontro.

Agora que despertou, Jan Kmam irá até as últimas conseqüências para se vingar de seus inimigos. Para tanto, não hesitará em envolver Kara em seu mundo de sombras e sedução.



INTRODUÇÃO

A máquina de escrever estava à sua frente. A folha presa no rolo continuava em branco. A jovem fitava o teclado da máquina e tamborilava os dedos no tampo da mesa de madeira. Estava indecisa. Sabia o que escreveria, mas não tinha a menor idéia de como começaria a contar sua história e a dele. Já fazia tanto tempo... Refletiu melhor. Não era tanto tempo assim, não para eles. Secou a testa com o lenço delicado e o guardou no bolso da calça jeans. São Luís estava muito quente, provavelmente choveria durante a madrugada.

Ergueu os olhos para a lâmpada amarelada e desejou que fosse mais clara e forte. Abriu um ruidoso saco de papel e conferiu seu conteúdo, perguntando a si mesma se havia comprado tudo de que precisaria. Havia corretivo, fita para máquina, papel, caneta, bloco de anotações, lápis e envelope. Estava tudo lá, menos como começar. Ergueu-se da cadeira e andou impaciente. Parecia um animal enjaulado num quarto deveras pequeno, que por pouco não tinha espaço para um velho guarda-roupa de portas arranhadas, uma cama com colchão de molas

e sua arca.

Desviou a atenção para a janela. Fitou a rua da Estrela e logo à frente o prédio da Secretaria dos Transportes. Estava vazio devido ao adiantado da hora, e não mais se viam transeuntes na rua. Aqui e ali um carro deslizava pelo calçamento desgastado pelo tempo. Voltou a encarar a máquina como se fosse sua inimiga.

Faltava algo, mas o quê?, questionou-se, respirando o ar noturno. Assim como todos os quartos do velho casarão, o seu também era alugado, humilde e silencioso. Ninguém se incomodaria com sua ausência. Era perfeito, pensou, enfiando as mãos nos bolsos. Por uns instantes, o som de passos no corredor chamou sua atenção. Virou a cabeça e esperou alerta, mas nada aconteceu, decidiu voltar à janela. O brilho das luzes da cidade era encantador demais para não ser observado. Uma lembrança a sacudiu: as luzes de Paris. A saudade apertou seu peito. Fazia apenas uma semana que estavam longe um do outro.

- Deus, como te amo, como sinto tua falta - sussurrou em francês.

Fitou o céu escuro e viu as estrelas cintilantes amparadas pela lua crescente. Pareciam pedir sua atenção.

- Claro, é isso! - falou, voltando à mesa muito feliz.

Fez a margem e deixou um grande espaço, escrevendo entre aspas: "O mundo é um lugar maravilhosamente estranho e perturbador. Olhamos para cima e só vemos o céu, na eterna repetição de dias e noites. Não percebemos a mágica que os separa. Garanto que são bem mais do que horas, minutos e segundos. Para mim, estão separados por vidas, está aí o grande mistério". Um sorriso de satisfação surgiu em seus lábios.

Kara finalmente havia conseguido. A noite estava apenas começando. O melhor a fazer era continuar, pois ainda tinha muito para contar.



UNIDADE I

KARA RAMOS



1. A REFORMA

Destino. Essa palavra pode parecer drástica para algumas pessoas, mas nunca foi para mim. Ele sempre nos leva a acreditar em coisas que estão fora do nosso alcance, que imperam absolutas sobre nossa vida com a mesma força do vento soprando sobre o mar. Veja bem, se você morresse hoje, na flor da juventude, diriam que morreu jovem e nada aproveitou da vida. Se morresse de maneira violenta, todos diriam que foi uma fatalidade. Contudo, morrer numa cama de hospital ou de modo mais sereno pareceria natural.

Obviamente nossos destinos estão fora do controle. É claro que há acasos maravilhosos, por exemplo, ganhar na loteria e encontrar sua cara-metade ou um lugar vazio no ônibus. Sorte ou merecimento? Difícil dizer, porque é assim que vemos a vida, e ela está totalmente fora do nosso comando. Entretanto, há momentos em que temos a nítida impressão de que podemos escolher. Isso é uma grande ilusão.

No meu caso, acredito que tive dois momentos: pude escolher e pouco depois aceitar o que me foi imposto. Não tenho reclamações a fazer. Sinto-me muito bem diante de minhas decisões. Há limites, é claro, mas assim são as coisas.

Bem, esse é o presente. Quero recuar no tempo cinco anos para começar minha história. Parece que foi ontem que recebi um telefonema de Roberto, meu amigo e sócio. A princípio, ele não quis revelar o motivo do chamado de urgência, apenas disse:

- Venha, você vai gostar da surpresa!

Larguei o que estava fazendo, peguei o velho jipe e fui direto falar com ele.

Achei aquilo esquisito. Roberto não costumava guardar segredo. Na faculdade era chamado de Boca de Chafurdo. Sempre achei um apelido meio feio e jamais o chamei assim, pois apelidos só servem para humilhar as pessoas. Contudo, nunca lhe revelaria algo.

São Luís estava num daqueles dias quentes e abafados. O céu estava tão azul que poderia cegar, e o movimento das pessoas era intenso no centro da cidade.

Naquele momento, arrependi-me por não ter posto a capota. Antes mesmo de chegar ao sinal vermelho, abri o porta-luvas e peguei meu boné. A pequena proteção esfriou minha testa úmida de suor. Diante do prédio, desci apressada e cruzei o canteiro, seguindo pela passarela arborizada. Na recepção, falei com Regina e, como de costume, subi para a sala de Roberto onde era esperada. Anunciei minha entrada com uma leve batida na porta.

- Entre! - a voz de Roberto soou calma do outro lado. A mudança de temperatura foi tão repentina que comecei a espirrar.

Murmurei um pedido de desculpas e notei que Roberto não estava sozinho. Minha aproximação colocou ambos de pé.

- Sr. Lambert, esta é Kara Ramos, a mulher de quem falávamos – Roberto iniciou as apresentações de maneira agradável.

- Muito prazer - disse, estendendo-lhe a mão de modo confiante.

- O prazer é meu - respondeu, revelando um indisfarçável sotaque francês.

Lambert aparentava uns 40 anos. Tinha a pele clara e olhos escuros que me avaliavam de maneira quase desconfortável. Mantive a calma e o fitei do mesmo modo, fazendo-o desviar o olhar. Naquele momento, percebi o que estava acontecendo. Tratava-se de um encontro de negócios. Tive vontade de gritar com Roberto. Ele devia ter me avisado pelo telefone. Certamente perderia a oportunidade. Quem em sã consciência entregaria um trabalho de restauração nas mãos de alguém com a aparência de uma adolescente desleixada? Sim, pois era essa a minha aparência naquele momento. Pensei em tirar o boné, mas desisti. Meu cabelo devia estar coberto de poeira. Levei a mão discretamente à cabeça e ajeitei o rabo-de-cavalo, temendo chamar atenção.



Roberto nos convidou para sentar. Arrependi-me no mesmo instante, mas mantive a calma e fiquei imóvel na poltrona de couro. A camiseta havia colado no encosto. Passei o dedo pela gola e percebi o quanto estava manchada de tinta. A pobre malha mais parecia um quadro impressionista. O estilo, lógico, era pontilhismo. A calça jeans também não estava lá essas coisas, toda desbotada e surrada. Para piorar, havia um rasgo que deixava entrever metade de minha coxa. É preferível nem falar do tênis, cheio de manchas. Contive meu aborrecimento e sorri amavelmente.

- Bem... - Roberto começou, sorridente. - Sr. Lambert é advogado e está aqui representando os interesses de seu cliente, o senhor Paul Rohan.

Roberto olhou-me como se devesse participar de sua alegria quase absurda. Fitei seu rosto suplicante e devolvi um olhar que ele conhecia muito bem.

- Ah, o dono do casarão da rua do Sol! - falei rindo de modo diabólico. Roberto sempre soubera minha opinião a respeito daquela família de assassinos culturais. – Como poderia esquecer? A família finalmente resolveu recuperar a casa? - perguntei, sentindo-me muito mais à vontade na presença daquele sujeito de ar petulante.

- Exatamente. Paul resolveu reformar a casa - informou Lambert, com um sorriso cínico. Ele parecia muito íntimo de seu cliente, pois além de ter carta branca para resolver os problemas, chamava-o pelo primeiro nome.

- Fico feliz em saber.

- Foi uma decisão acertada da parte dele - continuou Lambert, orgulhoso com a atitude de seu patrão.

- Se esperasse mais alguns anos, a casa viria abaixo e o prejuízo seria bem maior.

O homem me fitou demoradamente e repetiu o sorriso que começava a me incomodar.

- Quer dizer que o senhor Rohan pretende se estabelecer em São Luís? - perguntou Roberto, tentando recuperar o clima sociável da conversa.

- Entendi-se na Europa e decidiu explorar um lugar paradisíaco. Vá entender. Estou aqui para organizar sua chegada e alguns negócios pendentes.

- Depois de 125 anos, finalmente o velho casarão vai ser habitado.

- Parece bem informada a respeito do casarão, srta. Ramos.

- No meu ramo de trabalho, tenho que estar. Aquela casa é patrimônio histórico cultural de São Luís. Seu estado incomoda muita gente. - Com esse comentário, ele mudou a expressão. Tornou-se amável e respeitoso.

- Posso garantir que essa preocupação dominou os pensamentos de Paul nos últimos meses, desde que se tornou herdeiro. Mas os negócios a resolver eram muitos e só agora ele pôde dar atenção ao casarão.

- Entendemos perfeitamente - interveio Roberto, bancando o conciliador inocente.

Assim como eu, Roberto sabia muito bem que a casa era apenas uma das muitas propriedades que a família possuía. Ela estava em péssimo estado de conservação. Deixar um casarão colonial caindo aos pedaços era um crime imperdoável. Desde que fora comprada pela família em 1872, ninguém além do vigia a habitava. Havia sofrido várias reformas durante esses anos, mas nada que fosse bem-feito. Já haviam se passado vinte anos desde a última obra.

- Vejo que vim ao lugar certo.

- Acredito que sim - falou Roberto, pronto para iniciar a autopropaganda.

- Nossa empresa conduziu com grande êxito a maior parte das reformas e restaurações da cidade. Trabalhamos com todo tipo de restauração: móveis, obras de arte, livros, casas...

- Obrigado, sr. Roberto, mas já conhecemos o perfil da empresa. Tenho informações detalhadas sobre os seus serviços. Paul faz questão de que a senhora Ramos cuide pessoalmente da restauração. Ele viu um dos seus trabalhos e gostou muitíssimo.

Lambert lançou um olhar desejoso sobre mim. Achei seu comportamento impróprio, mas não dei muita importância. Estava completamente fascinada com a idéia de ter chamado a atenção



dos Rohan. Pelo menos eu havia conseguido, depois de o pobre casarão passar anos esquecido. Decidida a conseguir mais informações, falei de maneira amável:

- Ele gostou do quê, especificamente?

- Paul pode nunca ter vindo a São Luís ou ao seu país, mas sempre se manteve informado do estado da casa. Ele procurava a pessoa certa para o serviço, e você o impressionou bastante. Paul adquiriu algumas peças restauradas por você.

Aquilo explicava somente uma parte. Fiquei ainda mais curiosa e quis saber do restante.

- Fala como se o sr. Rohan já me conhecesse.

- Ele viu sua participação no documentário sobre Alcântara que passou na televisão - parou um instante. - É esse o nome certo?

- Sim, é Alcântara - Roberto falou satisfeito.

Fiquei muito nervosa no dia das gravações e quase desisti, mas fiz o sacrifício para divulgar a história e as belezas da Festa do Divino. Além disso, Roberto achou que ajudaria a promover nossos serviços. Pelo visto, funcionou. Durante algum tempo, a conversa girou em torno do documentário. Lambert deixou escapar algumas observações feitas por seu cliente. Nada significativo.

- A equipe de filmagem ajudou bastante.

- Além de bonita é humilde - comentou, fazendo Roberto erguer a sobrancelha, sério. Lambert tinha novamente a expressão provocante no rosto. - Realmente, uma grande profissional. Quero acertar todos os detalhes imediatamente, se possível.

Roberto sorriu e fez as primeiras perguntas. Os valores, nada baixos, começaram a ser discutidos de forma vaga. O preço real só poderia ser estabelecido mediante uma avaliação profunda em toda a casa. Lambert aceitou as exigências de Roberto e fez as de seu cliente.

Tinha trazido consigo fotos da casa, plantas e alguns desenhos muito antigos que datavam de 1869. Eles mostravam salas e quartos e se assemelhavam a um tipo de catálogo de vendas. Percebi que aquela reforma havia sido planejada com bastante cuidado e me senti um pouco injusta por fazer mau juízo de Paul Rohan. Lambert estava a par de quase todos os detalhes de uma restauração daquele porte. Seu único problema era a pressa, que soava exagerada. Só muito depois eu viria a descobrir o porquê.

Estávamos em volta da mesa coberta de papéis e fotos. Coloquei algumas fotos debaixo de uma lente poderosa para fazer um exame mais detalhado e notei que eram de épocas diferentes, mas idênticas. Minha cabeça começou a trabalhar. Por que motivo alguém as repetira? O fotógrafo havia escolhido as mesmas posições ou eram simplesmente cópias das primeiras? Estavam tão gastas pelo tempo. A última hipótese era a mais aceitável: talvez para manter o mesmo estilo no decorrer das diversas restaurações sofridas pela casa.

- Deve levar pelo menos um mês para recrutar todo o pessoal, isso na melhor das hipóteses - falei um pouco preocupada com sua pressa.

- E quanto ao orçamento final?

- Daremos uma resposta definitiva dentro de uma semana - informou Roberto, entrando em concordância comigo.

- Perfeito. Em uma semana poderei avaliar a casa com cuidado e fazer um relatório completo. Desse modo, evitaremos futuros desentendimentos - falei, fitando seu rosto um tanto desgostoso.

- Paul me deu um prazo meio apertado - comentou, quase em tom de confissão.

- Quanto tempo? - perguntou Roberto, oferecendo-lhe café, que ele aceitou de pronto.

- No máximo um ano.

- Com esse prazo teremos problemas. Esse tipo de serviço exige tempo e paciência.

- E dinheiro - disse Lambert, interrompendo o raciocínio de Roberto, que entendeu de imediato a insinuação. - Preciso estabelecer uma data - prosseguiu.

- Possivelmente dois anos, se não houver atrasos - afirmou Roberto, tentando não enganá-lo e tampouco o assustar demais. Lambert depositou a xícara sobre a mesa e declarou espantado:

- Impossível! Paul jamais aceitará um prazo tão longo.



- Estaria enganando seu cliente se aceitasse isso - falei, tirando os óculos para vê-lo melhor. - Sou uma profissional e costumo trabalhar com tempo. Não gosto de ser enganada nem de enganar. Acredito que Paul Rohan se sentiria ofendido se eu entregasse um serviço mal-acabado. Proponho primeiro a avaliação, daí poderei falar algo mais concreto. Lambert sopesou minhas palavras, nos olhou durante alguns segundos e falou:

- Concordo, mas quero a avaliação dentro do prazo estabelecido. Nem um dia a mais - falou tentando manter-se à frente das decisões. - Dinheiro não é problema.

Por certo Lambert achou que nos jogaríamos a seus pés e iríamos garantir o término da obra para dois dias. No nosso ramo não havia disso, não muito. Reformas e restaurações são projetos delicados e trabalhosos que exigem comprometimento. Roberto sabia disso e não se fez de tolo. Pediu um pequeno adiantamento para as primeiras despesas.

- O vigia faleceu recentemente - falou no acerto dos últimos detalhes. - Portanto, terão de contratar outro o mais breve possível. A casa não pode, em hipótese alguma, ficar desabitada. Ela ainda guarda móveis antigos e outros objetos.

Acredito que o adiantamento é suficiente para cobrir esse tipo de despesas - comentou, com um leve toque de cinismo dirigido a Roberto.

- Certamente - falou Roberto, retribuindo o sorriso enquanto recebia as chaves. Trocaram um olhar de respeito mútuo, afinal eram duas raposas das mais espertas. Depois das despedidas educadas, ele partiu, deixando o material e um telefone para contato.

- É inacreditável que este dia finalmente tenha chegado - falei, voltando para a mesa. Estava feliz por poder examinar com mais liberdade o material.

- O que achou dele? - perguntou Roberto.

- Normal.

- Não me venha com essa! Notei o modo como o olhou por cima dos óculos. Sempre que faz isso está analisando o caráter de alguém. Será que podemos confiar nele?

- Desconte o cheque e descobrirá.

- Nada de brincadeiras, quero a verdade. Confio em seu julgamento, porque ele nunca falha - disse, indo se sentar.

- Pelo que pude notar, ele parece confiável. A paciência guarda apenas para o seu cliente. Não me pareceu alguém que ceda com facilidade. Além de ser muito esperto e vivo, para ser franca. Mas...

-Mas?

- Está escondendo algo - falei com certeza de meu julgamento.

- Como o quê?

- Não faça a menor idéia. Mas há algo de estranho nessa pressa absurda.

- Não gostei dos olhos cobiçosos sobre você.

- Por favor, Roberto. Para você todo homem me deseja. Lambert me pareceu preocupado, mas são apenas suposições.

- Feliz? - perguntou, já de pé ao meu lado, colocando as mãos sobre meus ombros.

- Muito, mas...

- Eu sabia. Será que você nunca fica feliz? - perguntou, abraçando-me carinhosamente.

- Isso não é normal, Kara. Todas as mulheres que conheço ficariam mais do que satisfeitas com um acontecimento assim. Ficar à frente de uma reforma desse porte é algo muito importante - disse, beijando meu pescoço.

Como sempre, Roberto estava tentando tirar proveito da situação. Ao me abraçar, parecia não ter controle de si. Ele nunca tinha passado de um grande amigo, mas em sua cabeça a idéia era outra. Ele sonhava com mais, muito mais. Toquei suas mãos sobre minha cintura e me virei para ele. Seus olhos brilhavam apaixonados, cheios de desejo. Naquele momento, lamentei por nós dois. Não gostava de Roberto como ele gostava de mim. O que sentia nada mais era do que amizade.



- Vamos sair para comemorar, jantar num lugar elegante e beber champanhe - sugeri, apertando minhas mãos entre as suas.

Olhei para Roberto de modo carinhoso e sorri. Lembro-me de quase sempre comparar sua figura à de Lucas. Ele era muito bonito, forte e tinha um metro e oitenta de altura. A mesma altura e mesmo porte. Talvez a única diferença fosse a cor da pele. Lucas era moreno claro suave. Já Roberto era mais mulato com traços marcantes. Tinha um sorriso largo, luminoso e sensual que derretia o coração de qualquer mulher, menos o meu. Seus olhos castanhos-claros eram acentuados pelas sobrancelhas grossas e pelo cabelo curto. Ele e Lucas tinham sido grandes amigos.

- Você sabe a resposta.

- Às vezes me pergunto quem realmente morreu, se foi você ou o Lucas?

Já esperava sua represália, mas não pensei que fosse me magoar tanto.

- Odeio quando faz isso - comecei, soltando suas mãos e voltando a guardar os papéis sobre a mesa rapidamente. Queria fugir, sair da sala o mais depressa possível para evitar o assunto, como sempre fazia. As lembranças me perturbavam, traziam fantasmas que desejava ardentemente esquecer.

Notando meu estado, Roberto tentou se desculpar, mas era um pouco tarde.

- Desculpe, Kara. Sou um desastrado, mas dói muito vê-la assim.

- Assim como? Sozinha? É isso que quer dizer? - perguntei, virando-me com raiva.

- Sim, sozinha. Você sempre foi tão alegre e comunicativa. Vivia fazendo os outros rirem, dançava, ia a festas. Droga, Kara. Eu quero você de volta. Lembra-se de quando estávamos na faculdade?

- Faz muito tempo - falei, apertando a pasta em minhas mãos, fitando o vazio. Recuei no tempo e me vi ao lado de Lucas, andando pelos corredores com a mochila nas costas, despreocupada e feliz.

-Você lembra?- perguntou, aborrecido com meu silêncio. - Claro que lembra, está só mentindo para si mesma. Mude de casa, de bairro que seja, mas esqueça o Lucas, pois ele morreu! - gritou, perdendo a compostura e a paciência.

- Quem você pensa que é? - perguntei, magoada com sua atitude. Ele era meu marido! Eu assinei a documentação para que liberassem o corpo. Cada vez que olho você, Roberto, eu vejo o Lucas.

Minha voz parecia estar presa dentro da garganta. Roberto olhava triste e envergonhado por ter começado tudo aquilo. Dei-lhe as costas e recolhi minhas coisas, pronta para sair da sala. Só parei diante da porta, a seu pedido.

- Espere um instante, Kara! Como pude ser tão estúpido? Magoei você num dia especial - disse perturbado, aproveitando para segurar a porta e me impedir de fugir.

- Gostaria realmente de esquecer o Lucas, mas não posso. Acredito que ninguém possa me ajudar a fazer tal coisa.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

